

**Resenha do livro: Löwy, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2008.**

**Por: José Alexandre da Silva  
Mestrando em educação PPGE-UEPG**

## IDEOLOGIAS E CIÊNCIA SOCIAL, UMA REFLEXÃO ATUAL

Quando o sociólogo Michael Löwy realizou um ciclo de palestras em São Paulo, a convite de assistentes sociais da PUC, talvez não se imaginasse que a transcrição de suas falas e dos debates resultariam num livro, da editora Cortez, amplamente utilizado nas universidades brasileiras no âmbito da educação e das ciências humanas. O caráter de apresentação oral, que dá à obra um cunho informal didático, faz o autor realizar suas escusas. Entretanto, acreditamos ser esse um ponto forte do livro por tratar de conteúdo complexo, com uma forma inteligível e sem grande perda de profundidade. O autor percorre a trajetória de conceitos, como ideologia, positivismo, historicismo e marxismo.

O primeiro a utilizar o termo ideologia foi o discípulo dos enciclopedistas Destutt de Tracy e seu significado correspondia ao resultado da interação entre a natureza e o cérebro humano. Quando Napoleão Bonaparte chama de Tracy e seu grupo de ideólogos, o termo ganha um novo significado “(...) para Napoleão essa palavra já tem um sentido diferente: os ideólogos são metafísicos, que fazem abstração da realidade, que vivem em um mundo especulativo” (LÖWY, 2008, p.11) e é esse mesmo significado o qual Marx vai se apropriar e utilizar no seu *A ideologia Alemã* em 1846. O termo ideologia aparece então como pejorativo. Já na formulação de Lênin, vai haver uma ideologia burguesa e uma ideologia do proletariado. Ainda dentro da corrente marxista vai ganhar destaque, na análise de Löwy, o sociólogo Karl Mannheim com seu livro *Ideologia e Utopia*.

Para Mannheim, existe uma distinção entre os conceitos de ideologia e utopia:

(...) ideologia é o conjunto das concepções, idéias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução da ordem estabelecida [Já utopias,] (...) são aquelas idéias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura (LÖWI, 2008, p.13).

Na visão de Löwy, as distinções de Mannheim são úteis, entretanto, propõe uma denominação diferente para os termos ideologia e utopia. Assim, tanto as ideologias quanto as utopias podem ser chamadas de *visões sociais de mundo*, havendo visões sociais de mundo utópicas e visões sociais de mundo ideológicas. As visões ideológicas seriam denominadas dessa forma quando visassem a manutenção da ordem estabelecida e as visões utópicas, quando visassem uma ruptura com essa ordem. Na sequência, Löwy propõe uma análise *dialética* das visões sociais de mundo.

Categoria central do pensamento marxista, a dialética não seria nada além da negação de todas as hipóteses. “Para Marx, (...) todos os fenômenos econômicos e sociais, todas as chamadas leis da economia e da sociedade, são produtos da ação humana e (...) podem ser transformados por essa ação” (LÖWY, 2008, p.15). A dialética é então movimento contínuo. Esse princípio também se aplica às visões sociais de mundo, de

maneira que essas devem ser pensadas e questionadas em sua historicidade, na medida em que resultam de ações humanas. Também central para o pensamento marxista, como prossegue Löwy, é o conceito de *totalidade*.

Tal conceito é entendido de forma diferente de um estudo amplo de toda realidade, mas que cada fenômeno deve ser levado em conta na medida em que se articula com todos os demais, principalmente nas suas dimensões econômicas e sociais. O que também se aplica evidentemente às visões sociais de mundo. Assim, a noção totalidade é a percepção da realidade como que interligada e determinada principalmente por suas dimensões econômico-sociais. Outro conceito do método marxista, apresentado por Löwy, é o de *contradição*.

A contradição parte do princípio de que na sociedade, fruto da ação humana, na sociedade cujos fenômenos são interligados e determinados principalmente pelas dimensões econômicas e sociais, essa sociedade, também perpassada por visões sociais utópicas e ideológicas, é cheia de conflitos e contradições. Isso, a despeito das correntes de pensamento que apregoam uma sociedade cheia de consensos, o método marxista opta por enxergar os conflitos e as contradições sociais, como as de classe, que determinam as visões sociais de mundo.

Após confrontar o método marxista, com a finalidade didática de proporcionar uma melhor compreensão desse mesmo, com outras tradições, materialistas e idealistas, Löwy inicia a explanação de outra importante corrente de pensamento, o positivismo. A proposta do autor é analisar o positivismo através do método historicista, de maneira histórico-social e posteriormente analisar as proposições de Max Weber dentro da tradição do positivismo.

Posteriormente, o autor indica que o positivismo pode ser bem representado por três proposições. A primeira de que a sociedade humana é regulada por leis que independem da vontade dos homens à semelhança de leis naturais como a da gravidade. Decorre daí que os métodos para se estudar a vida social devem ser os mesmos dos utilizados para o estudo do mundo natural. Já a terceira, e talvez mais relevante proposição na análise de Löwy, é de que se as ciências da natureza são livres de juízos de valor, ideologias e visões sociais de mundo, assim também o devem ser as ciências sociais.

Uma das primeiras formulações que podem ser consideradas como positivismo é mapeada por Löwy em Condorcet, um filósofo ligado ao Movimento da Enciclopédia. Um discípulo seu, Saint Simon, é o primeiro a utilizar o termo positivo aplicado à ciência e nesse primeiro momento, o positivismo tinha de fato um caráter de visão social de mundo utópica, na medida em que servia de ferramenta de negação da ordem feudal e do regime monárquico no contexto do iluminismo. Comte se considerava um continuador desses dois autores, mas os considerava demasiadamente críticos. A doutrina fundada por esse autor é inicialmente chamada de *física social* e também é livre das paixões e negadora dos conflitos da sociedade.

É com Emilie Durkheim, entretanto, que o positivismo ganha um caráter científico e burguês. Esse autor é importante, pois vai embasar metodologicamente a maioria do pensamento positivista sem abrir mão das premissas de neutralidade e negação dos conflitos. Como seus antecessores, sua obra hoje nada ajuda a quem pretende entender o mundo social de forma dinâmica e não conservadora, o que não ocorre com outra vertente do positivismo centrada em Max Weber.

Muito embora Löwy enquadre Weber como positivista, reconhece que o principal lanho de positivismo que grassa na obra desse autor é o princípio da neutralidade científica, ou ao menos em parte. Vejamos: “(...) *as pressuposições da pesquisa são subjetivas (...) mas os resultados da investigação devem ser inteiramente objetivos (...) válidos para qualquer investigador, seja qual for o seu ponto de vista* (LÖWY, 2008,

p.50)”. A partir daí, continua Löwy, Max Weber faz: “(...) a separação, total e rigorosa dos juízos de fato e juízos de valor, no processo de análise empírica da realidade (...) (LÖWY, 2008, p.51)”. Assim, a constatação de um dado não autoriza a quem quer seja a deduzir uma opinião, um juízo de valor.

A partir dessas posições, Löwy se esmera em as refutar. No que se refere à neutralidade do pesquisador no momento de concluir seus resultados de pesquisa, afirma que é impossível num momento estar imerso nos seus valores e juízos e em outro se manter isento de qualquer um desses. Isso, pelo fato de que desde o momento inicial da pesquisa ao realizar suas questões o pesquisador já sabe em certa medida as respostas a obter. Já no que diz respeito à separação entre juízo de fato e juízo de valor, Löwy confirma que uma constatação não pode levar diretamente a uma opinião, mas pondera que entre a constatação de um fato e a criação de um juízo de valor, e vice versa, deve se levar em conta os elementos sociais. Sobre este aspecto uma passagem do texto é bastante elucidativa: “(...) os trabalhadores que acham que o aumento do salário é a causa da carestia serão menos propensos a fazer uma greve que demande esse aumento que aqueles que sabem que o aumento da carestia não é o aumento do salário” (LÖWY, 2008, p.52). Nesse sentido, o conhecimento de alguns fatos pode orientar uma tomada de posição. A próxima escola de pensamento a ser trabalhada pelo autor é o historicismo.

Löwy considera o historicismo uma das mais importantes correntes de pensamento social, uma corrente que pode se imbricar com as outras já debatidas, o marxismo e o positivismo. Ao analisar os pressupostos historicistas, considera que alguns deles também são os mesmos do marxismo. O primeiro autor que destaca nessa corrente é Droysen. A formulação desse autor mais destacada por Löwy é a da relativização da verdade. Um conhecimento é mais rico se for parcial. Löwy frisa também a diferença do historicismo do começo do século XIX e o do fim desse século, quando acontecem mudanças importantes na sociedade alemã, entre as quais as, provocadas pelo capitalismo. O autor destacado nesse contexto é Dilthey.

Dilthey faz em sua obra uma cisão entre ciências da natureza e ciências do espírito, as sociais. Na primeira, o homem é o sujeito e a natureza é o objeto. Já na segunda, o homem é sujeito e objeto, havendo então uma relação de identidade. Outra contribuição desse autor, é o conceito de compreensão, uma vez que na ciências da natureza bastaria descrever e explicar o objeto nas ciências do espírito esse também precisa ser compreendido. Entretanto, Dilthey se recusa a seguir o caminho fácil para a solução do problema do relativismo, o que um aluno seu o faz. Simmel adota um ponto de vista eclético que concilia as várias tradições do conhecimento, o que é refutado por Löwy.

Eclétismo que também não passa ao largo da solução encontrada pelo sociólogo Karl Mannheim, que também enfrenta o problema do relativismo do pensamento. Num primeiro momento, Mannheim o fundador da sociologia do conhecimento, afirma que um grupo é privilegiado para se manter isento de ideologias e visões de mundo construindo sínteses sociais privilegiadas, os intelectuais “intelectuais flutuantes”. Num segundo momento, volta atrás formulando a tese de que “a sociologia do conhecimento mostra o caráter limitado, socialmente condicionado de todos os pontos de vista” (Löwy, p. 86).

A última tradição ser analisada por Löwy é o marxismo. Em Marx, conhecimento científico e ponto de vista de classe não são contraditórios. Exemplo disso é a divisão que esse autor faz dos economistas burgueses entre “clássicos” e “vulgares”. Os primeiros são considerados como tendo uma obra séria e científica e os outros, meros arautos da burguesia com uma obra ideológica. Embora alguns marxistas reconheçam entre os economistas caráter científico a partir da obra de Marx, o próprio reconhece como séria a obra de economistas como Adam Smith e David Ricardo. O que o pai do materialismo

histórico ressalva é que esses autores têm um horizonte limitado por sua condição de classe, a burguesa. De acordo com Löwy, Marx se considerava um cientista do proletariado e mesmo reconhecendo que a obra dos economistas clássicos não era ideológica, não poderia servir para os trabalhadores.

Após percorrer os caminhos traçados por pensadores de tradições diversas, no que diz respeito ao conceito de ideologia, esse pequeno livro demonstra claramente que uma de suas principais qualidades é a clareza em que as ideias são expostas. Também não podemos deixar de notar a seriedade do tratamento que o sociólogo dispensa a autores de tradições distintas sem desmerecer a contribuição de suas ideias dentro de sua perspectiva teórica, que é o materialismo dialético, da qual é um dos principais representantes nos dias atuais. Muito embora estejamos num período em que florescem novas perspectivas teóricas e metodológicas para as ciências humanas em geral, o fato de que vivemos em um país com uma desigualdade social gritante é inquestionável. Nesse sentido, o pensamento marxista continua reivindicando sua atualidade e Michael Löwy tem um lugar destacado nessa busca.